

# A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA NA OBRA *O CASO DO MARQUÊS DESAPARECIDO (2020)*

THE CONSTRUCTION OF THE FEMALE CHARACTER IN THE BOOK  
*THE CASE OF THE MISSING MARQUESS (2020)*

**Jaqueline Lúcio Pimentel**  
jaqueline.lucio123@hotmail.com

**Maria Rosane Alves da Costa**  
maria-rosane@hotmail.com.br

---

## RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo analisar o perfil identitário da protagonista Enola Holmes na obra *O caso do marquês desaparecido (2020)*. Para isso, são delimitados os seguintes objetivos específicos: refletir sobre os conceitos de Gênero e Identidade; descrever o perfil identitário da protagonista e refletir sobre a importância da obra para a representação feminina em narrativas juvenis. A análise contempla trechos que apresentam características atribuídas à personagem Enola Holmes, momentos de comportamento da mesma envolvendo sua mãe e irmãos, assim como seus momentos individuais de reflexão e emancipação. O método utilizado são as leituras interpretativas e analíticas (GIL, 2012). Para o referencial teórico são utilizados os seguintes autores: Judith Butler (2000; 2018); Stuart Hall (2006; 2016); Xavier, (2007); Neikirk, (2009); Zolin, (2010); Vasconcellos e Lages (2015); Gilsa, (2019); Orlandi, (1999); Filho, (2012); Barth, (2018) e Cadermatori, (2019). Os resultados demonstram que a construção do perfil da personagem principal desta história rompe com os estereótipos de submissão e fragilidade por muito tempo naturalizado pela hegemonia patriarcal. Além disso, a obra de ficção de Nancy Springer é pertinente para os estudos de gênero na literatura juvenil, pois demonstra ser exemplo positivo de representação feminina, condizente com as conquistas femininas das últimas décadas e com os lugares que mulheres têm ocupado no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Enola Holmes. Representação. Gênero. Identidade.

## ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the identity profile of the protagonist Enola Holmes in the book *The case of the missing marquess (2020)*. For this, the following specific objectives are defined: reflect on the concepts of Gender and Identity; describe the protagonist's identity profile and reflect on the importance of the work for female representation in youth narratives. The analysis includes excerpts that present characteristics attributed to the character Enola Holmes, moments of her

behavior involving her mother and siblings, as well as her individual moments of reflection and emancipation. The method used is interpretive and analytical readings (GIL, 2012). For the theoretical framework, the following authors are used: Judith Butler (2000; 2018); Stuart Hall (2006; 2016); Xavier, (2007); Neikirk, (2009); Zolin, (2010); Vasconcellos and Lages (2015); Gilsa, (2019); Orlandi, (1999); Filho, (2012); Barth, (2018) and Cadermatori, (2019). The results demonstrate that the construction of the profile of the main character in this story breaks with the stereotypes of submission and fragility for a long time naturalized by patriarchal hegemony. Furthermore, Nancy Springer's book of fiction is relevant to gender studies in youth literature, as it proves to be a positive example of female representation, consistent with the female achievements of recent decades and with the places that women have occupied in the contemporary world.

Keywords: Enola Holmes. Representation. Genre. Identity.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Ao questionar os segmentos políticos, sociais, econômicos e culturais da sociedade, o feminismo expõe um mundo que é predominantemente ocupado por homens. Não foi diferente com a produção literária que, historicamente produzida por sujeitos do sexo masculino, entrou na mira desse questionamento (SCHWANTS, 2006).

Segundo Zolin (2010), a literatura ocidental, ao longo dos séculos, por ser produzida a partir da perspectiva masculina, reproduziu o feminino através de uma estética totalmente estereotipada: a mulher, ora representada por uma figura frágil, sem coragem, submissa à figura masculina (primeiro ao pai e irmãos e segundo ao marido), disposta a se sacrificar pelos que a cercam; ora sexualizada, considerada imoral, uma figura objetificada.

Conforme a crítica feminista ganhou espaço, representações tradicionais começaram a ser problematizadas, no intuito de desconstruir narrativas patriarcais que naturalizavam a assimetria entre os gêneros. Uma vez que o feminismo conquistou para as mulheres alguns direitos políticos e posições na sociedade, não seria coerente narrativas ainda retratarem a mulher com uma identidade fixa e estável de fragilidade, de submissão e figura conformada com seu “papel de mulher”.

Seguindo o processo de evolução das conquistas femininas ao longo dos anos, a literatura juvenil tem tematizado representações do feminino que, gradativamente, caminham para a superação de identidades tradicionais, retratadas pela hegemonia patriarcal, para assumirem identidades modernas e fragmentadas, compatíveis com a contemporaneidade.

Segundo Barth (2018), livros juvenis exercem grande impacto quanto ao alcance de público, por se tratar de obras que acompanham as tendências que mais agradam os adolescentes, acabam virando fenômeno de vendas. O autor afirma que, justamente por causa da adesão do público, é preciso ter um olhar cuidadoso em relação a essas obras, uma vez que, a partir dos discursos e ideologias nelas

expressos, identidades femininas são constituídas e reproduzidas, contribuindo para a naturalização de um lugar institucional pertencente à mulher na sociedade.

Pensando na forma como as mulheres são representadas na literatura juvenil é que se optou por tomar como objeto de pesquisa uma obra literária que traz uma mulher como protagonista. *O caso do marquês desaparecido* (2020), da escritora norte americana Nancy Springer, apresenta uma jovem criada para ser independente, alguém que exerce um papel de liderança e controla seu destino, o que é essencial para mostrar o empoderamento feminino por meio da literatura.

Lançado pela primeira vez no ano de 2006, nos Estados Unidos, uma das edições do livro em língua portuguesa foi publicada no Brasil pela Editora Verus, em 2020. Sendo o primeiro volume da coleção *Os mistérios de Enola Holmes*, o romance policial tem como protagonista a jovem Enola, uma adolescente de 14 anos que tem de lidar com o sumiço repentino de sua mãe e que, cansada de esperar, decide partir em busca de respostas para o ocorrido, enfrentando uma série de obstáculos e aventuras ao decorrer da história.

Enola Holmes é uma personagem original criada pela premiada<sup>1</sup> autora Nancy Springer que, com vasta experiência de mais de quarenta anos com o gênero de fantasia e mistérios direcionados ao público jovem adulto, escreveu mais de cinquenta livros ao longo das décadas. Durante sua juventude nos anos 60, Springer revelou grande estima pela literatura, dentre as obras que sempre costumava visitar em suas leituras estavam os livros de ficção policial de Sherlock Holmes, personagem criado pelo escritor escocês Arthur Conan Doyle.

Inspirada pela história do detetive mais conhecido da literatura britânica, Nancy Springer conta a história da irmã caçula do famoso Sherlock Holmes: uma menina que vive longe do centro de Londres e é criada sozinha por sua mãe para ser uma mulher forte e racional. A partir disso, a seguinte pergunta guiou a pesquisa: de que maneira a personagem da obra contribui para a ruptura de representações estereotipadas das mulheres na literatura juvenil?

O objetivo geral deste trabalho é analisar o perfil identitário da protagonista Enola Holmes na obra *O caso do marquês desaparecido* (2020), elucidando como essa personagem contribui para a ruptura de representações estereotipadas das mulheres na literatura juvenil. Para isso, foram delimitados como objetivos específicos: refletir sobre os conceitos de Gênero e Identidade para a compreensão do corpus; descrever o perfil identitário da protagonista, para a compreensão de qual representação feminina é construída a partir da personagem e, por fim, refletir sobre a importância da obra para a representação feminina em narrativas juvenis.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira, são apresentadas as noções de Gênero (BUTLER, 2000, 2018) e Identidade (HALL, 2006), bem como breves discussões acerca de como a literatura juvenil vem representando a mulher ao longo dos anos (XAVIER, 2007; NEIKIRK, 2009; ZOLIN, 2010; VASCONCELLOS, LAGES 2015; GILSA, 2019). Na segunda parte, discute-se a importância da literatura juvenil

---

<sup>1</sup> Por duas vezes consecutivas, foi vencedora do prêmio Edgar Allan Poe, em 1995, pela obra *Toughing it* e em 1996, por *Looking for Jamie Bridger*. Também ganhou os prêmios Hugo Best Short Story e o Mythopoeic Fantasy Award. Disponível em <https://www.nancyspringer.com/biography/>. Acesso em 15 Abr. 2021.

para a representação feminina (ORLANDI, 1999; FILHO, 2012; HALL, 2016; BARTH, 2018; CADERMATORI, 2019) e, na última parte, é apresentada a análise do objeto de pesquisa.

## 2 A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA LITERATURA JUVENIL

Como esse estudo pretende analisar a representação feminina em uma narrativa da literatura juvenil, em primeiro lugar, considera-se importante esclarecer a partir de qual perspectiva são compreendidas as categorias gênero e identidade.

Desde o final do século XX, mudanças drásticas têm acontecido nas estruturas da sociedade ao passo que as percepções de gênero, identidade e sexualidade também têm sido transformadas. Para Hall (2006), essas mudanças se devem à globalização – fenômeno que foi capaz de ultrapassar barreiras nacionais, interligar as culturas ao redor do mundo e, conseqüentemente, formar novas combinações de comunidades e organizações.

Ainda segundo o autor, devido à intensa e contínua troca de informações entre diversas culturas de diferentes lugares do mundo, as identidades tradicionais passaram por uma série de transformações na pós-modernidade. Antes tidas como centradas e imutáveis, as mesmas se deslocaram desse lugar tradicional e estável, para estarem em constante mudança, permitindo que sujeitos assumam perfis identitários modernos e fragmentados.

Assim, as identidades são, histórica e constantemente, formadas e transformadas a partir da rica relação dialógica entre as variedades de culturas existentes, pois:

à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Cabe salientar que o feminismo foi um dos movimentos essenciais no chamado “descentramento do sujeito” (HALL, 2006, p.34) do mundo pós-moderno, enquanto movimento crítico, político e social que valoriza a diferença, trouxe para o debate político não apenas a posição social ocupada pelas mulheres na sociedade, como também expandiu suas críticas à maneira como as identidades sexuais e de gênero são formadas.

Para Butler (2000), discutir gênero implica, em primeiro lugar, ressaltar que esta é uma categoria diretamente ligada a interesses ideológicos, políticos e econômicos, e que as estruturas de poder, por meio da repetência e difusão da performatividade<sup>2</sup>,

---

<sup>2</sup> Grosso modo, para a filósofa, *performatividade* são ações, gestos, concepções, representações que através das estruturas de poder são difundidas e reiteradas no intuito de normatizar comportamentos e desejos dentro dos padrões binários (masculino e feminino) e heteronormativos. Essas performances de gênero acontecem em um contexto discursivo, no qual os efeitos e conseqüências dos discursos apresentados aparecem sobre as diferenças de gênero (BUTLER, 2000).

implementam e normatizam padrões binários do que é “ser masculino” e “ser feminino”.

Nesse sentido, considerando uma visão oriunda dos estudos feministas pós-estruturalistas, que buscam desconstruir a naturalização do feminino, valorizar a diversidade de gênero e rever os padrões de masculino e feminino, o gênero é tomado como “culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado casual do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo.” (BUTLER, 2018, p. 24). Partindo dessa lógica, entende-se gênero e sexualidade como categorias distintas e articuladas, nas quais as identidades, os papéis para homens e mulheres, as atribuições sobre o que estes podem e não podem fazer, não são baseados no sexo biológico.

A literatura juvenil é um dos meios pelos quais é possível observar a manifestação desses papéis de gênero, tanto em narrativas tradicionais dos contos de fadas que permeiam a infância, como em produções literárias juvenis mais contemporâneas.

Conforme aponta Neikirk (2009), ainda que sejam narrativas direcionadas ao público infantil, é importante sinalizar que os contos de fadas não somente tematizaram representações femininas estigmatizadas (submissas e frágeis) como também se tornaram grandes referências para que outros enredos, direcionados a outros públicos, reproduzissem o feminino com esse estereótipo.

Contos surgidos no final do século XVII e XVIII, como *A Bela Adormecida* e *Branca de Neve*, são exemplos de como a figura da mulher é retratada a partir de dois perfis bem delimitados: (1) mulheres jovens, bonitas e de temperamento manso, características tidas como as mais importantes de se ter e (2) mulheres que, por não apresentarem esse ideal de beleza e mansidão supervalorizados nesses contos, são colocadas como as perigosas, “feias, más e determinadas a tirar vantagem da heroína. Elas também exibem traços que ameaçam diretamente o ideal feminino; elas são fortes, determinadas e talvez até gananciosas” (NEIKIRK, 2009, p. 39, tradução nossa).

Para a autora, representações como essas são problemáticas, pois contos de fadas são histórias que permeiam a infância e boa parte dessas memórias são levadas por toda vida, uma vez que, no imaginário infantil, foi estimulada a ideia de que a validação da mulher só acontece quando a mesma atende a esse perfil de inocência e submissão, enquanto que aos homens são reservadas posições de liderança e poder.

Segundo Zolin (2010), com o passar dos anos, os reflexos dessa representação feminina estereotipada, embora em gradativa decadência, ainda se mostram presentes em narrativas contemporâneas, implícita ou explicitamente. É o caso, por exemplo, da personagem Bella Swan da saga *Crepúsculo*<sup>3</sup>, cujo primeiro volume foi

---

<sup>3</sup> *Crepúsculo* é primeiro volume da saga homônima escrita pela autora norte-americana Stephenie Meyer. Sucesso entre os jovens, a história é centrada na humana Isabella Swan que, ao se mudar para uma cidadezinha no interior de Washington, conhece Edward Cullen. No decorrer da narrativa, a garota descobre que o rapaz misterioso trata-se, na verdade, de um perigoso vampiro. Os dois se apaixonam e desenvolvem uma longa trajetória dividida entre a normalidade do mundo dos humanos e os perigos do mundo sombrio dos vampiros.



publicado em 2005, nos Estados Unidos. Para Vasconcellos e Lages (2015), a construção da personagem muito remete aos contos de fadas tradicionais, posto que a história gira em torno de uma menina descrita como tímida, insegura e isolada que, ao conhecer aquele que vem a ser seu par romântico, o rico e bonito vampiro Edward Cullen, passa por uma série de situações em busca de se tornar “digna do seu amor”, estando disposta até mesmo a colocar sua vida em risco.

As autoras reforçam que a personagem é uma protagonista que apenas segue os acontecimentos que lhe ocorrem no desenrolar da história, sempre estando à sombra de outros personagens, pois como humana indefesa sem superpoderes que é, precisa ser protegida de todo mal que a cerca.

Por mais que seja uma obra contemporânea, *Crepúsculo* reproduz uma representação do feminino com características semelhantes às encontradas em contos de fadas dos séculos XVII-XVIII, na qual a mulher ocupa uma posição inferior, vista como incapaz de decidir sobre seu destino.

Em compensação, a saga *Jogos Vorazes*<sup>4</sup> (o primeiro volume da trilogia foi publicado em 2008, também nos Estados Unidos) é um exemplo de obra que está na contramão da hegemonia patriarcal, pois destaca uma personagem que representa a emancipação feminina.

A protagonista Katniss Everdeen é uma garota de 16 anos, que vive num futuro distópico e precisa caçar para alimentar sua família. Quando sua irmã caçula é convocada para os *jogos* (evento promovido pelo Governo de Panem, cidade fictícia da história), ela se voluntaria em seu lugar. Katniss e mais dois jovens partem para o evento, onde uma série de acontecimentos muda totalmente seu futuro.

Ao longo da história, as características atribuídas a essa personagem são de alguém forte, corajosa e consciente dos desafios que irá enfrentar ao se colocar contra o autoritarismo, ela representa o símbolo da rebelião contra o governo opressor. O fato de ser mulher não a impede de guerrear, pelo contrário, assim como afirma Gilsa (2019, p. 98), “a ascensão de Katniss como uma mulher forte em Panem não é um desafio às construções de gênero daquele futuro distópico, mas às construções de gênero do nosso presente, o presente de quem está [...] lendo as páginas dos livros”.

Zolin (2010) explica que representações femininas em narrativas contêm ideologias vigentes de seu contexto de produção, seus conteúdos reproduzem os valores e princípios de uma época. Ao se considerar o século XXI, nota-se que, após anos de silenciamento, o movimento feminista e a crítica literária feminina conquistaram força e espaço na sociedade, o que possibilitou mulheres abandonarem identidades tradicionais, que lhes restringiam apenas aos espaços privados do ambiente doméstico, para assumirem identidades múltiplas e fragmentadas, bem como ocuparem espaços públicos antes destinados somente aos homens.

Sobre isso Xavier (2007) afirma que, nas últimas décadas, as representações femininas têm acompanhado as conquistas da luta feminista e abordado essas

---

<sup>4</sup> *Jogos Vorazes* é o primeiro livro da trilogia homônima de ficção-científica escrita pela norte-americana Suzanne Collins. Após o sucesso de sua publicação, o livro foi traduzido para mais de 52 idiomas e tornou-se *best-seller* internacional, rendendo diversos prêmios à escritora.

questões com mais frequência. Se antes as personagens eram construídas a partir de figuras conformadas com seu destino, os enredos, pouco a pouco, têm demonstrado um número crescente de “protagonistas mulheres que passam a ser sujeitos da própria história, conduzindo suas vidas conforme valores redescobertos através de um processo de autoconhecimento” (p.1). A autora afirma que esse processo nem sempre se desenrola de maneira fácil, por vezes, as protagonistas apresentam certa confusão e se sentem divididas entre a vida restrita do ambiente privado e a busca por novas possibilidades, entretanto, todo o decurso é marcado por grandes reflexões acerca das condições em que vivem e dos lugares que ocupam.

Desse modo, para as autoras é de extrema importância que representações do feminino adquiriram as novas configurações que a contemporaneidade tem proporcionado para as mulheres. É imprescindível que narrativas da atualidade sejam compatíveis com os valores de igualdade e equidade de gêneros tão defendidos pelo feminismo, pois seus leitores constroem significados a partir delas e esses significados, por sua vez, são influentes na maneira como a figura da mulher é vista e tratada na sociedade.

### **3 LITERATURA JUVENIL E IMPORTÂNCIA PARA A REPRESENTAÇÃO FEMININA**

Para Hall (2016) a linguagem é um aspecto essencial na existência das culturas, a base primordial para que indivíduos construam e compartilhem significados para a interpretação do mundo, além de ser elemento fundamental para a compreensão das práticas sociais, através do entendimento de como os discursos operam.

O discurso, produzido no meio e por meio de práticas sociais, e aqui compreendido não como a mera transmissão de informações, mas como o que Orlandi (1999) chamou de “efeito de sentidos entre locutores”, de modo que estes sentidos e locutores, “afetados pela língua e pela história [...], constituem um complexo processo de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc”. (p.21), interfere diretamente na maneira como as representações e identidades são constituídas e reproduzidas na sociedade.

Dito isso, considerando que a literatura é uma das mais importantes expressões da linguagem e através de seus enredos jovens leitores podem estar em contato com uma variedade de discursos, oriundos de diferentes lugares sociais, é de grande importância que a literatura juvenil contemporânea seja plural, apresentando novas percepções de mundo e formas de representar ao seu público alvo, permitindo “a juventude questionar a estrutura social, seus preconceitos e todas as lutas nela existentes” (FILHO, 2012, s.p.).

Stuart Hall (2016) toma representação como “uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (p. 31), ou seja, como o processo complexo e pertinente que é, a representação funciona como o que o autor chama de “significados culturais”, e estes, por sua vez, “organizam e regulam nossas práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos” (p. 20).

Significados são construídos a partir da maneira como representamos as coisas, construímos nossa inteligibilidade sobre o mundo através da representação, seja em conceitos atribuídos, em palavras utilizadas, em imagens, nas mídias da cultura digital ou em narrativas e enredos de fantasia, em tudo que funcione “de acordo com os princípios da representação pela linguagem” (HALL, 2016, p. 24).

Zolin (2010) explica que a maneira como a representação do feminino foi retratada na literatura ao longo dos séculos – extremamente padronizada, a mulher com um perfil de submissão, de dependência e obediência à vontade masculina – contribuiu e ainda contribui diretamente para consolidar práticas discursivas do feminino como algo inferior, algo a ser dominado, reforçando relações de poder, bem como servindo para a manutenção desse poder na sociedade.

Ainda segundo a autora, narrativas que rompem com a lógica binária “papel masculino” e “papel feminino”, que superem estética de fragilidade e submissão feminina, são essenciais para que tais práticas discursivas patriarcais sejam desestruturadas e jovens leitores contemporâneos sejam instigados a refletir sobre os papéis tradicionais de gênero.

Obras juvenis exercem forte atração sobre jovens leitores pelo fato de serem pensadas a partir de tendências e características que agradam tal público-alvo: idade dos personagens em consonância com a dos adolescentes e enredos fantásticos são alguns dos elementos principais (CADERMATORI, 2019).

Através da literatura juvenil leitores encontram “mais do que uma representação da realidade, há a possibilidade do vislumbre de mundos possíveis” (BARTH, 2018, p. 291), nisso consiste a importância de mostrar o outro lado da história, enredos que rompam com a hegemonia do discurso patriarcal, trazendo à tona representações femininas mais plurais, donas de seu próprio destino, capazes de tomar decisões e dirigir suas vidas.

Novas práticas discursivas que desestabilizem os paradigmas binários de gênero tornam-se essenciais para que jovens leitores questionem até que ponto esses padrões de “lugar do homem” e “lugar de mulher” são legítimos diante de um mundo contemporâneo que, gradativamente, tem mostrado as diversas perspectivas sociais e políticas das mulheres.

#### **4 METODOLOGIA**

Este estudo crítico literário tem como base metodológica a pesquisa bibliográfica, seguida de leituras interpretativas e analíticas. Dessa maneira, partindo das descrições da narrativa, os procedimentos para levantamento dos trechos analisados se dão através da leitura e do registro no diário de pesquisa.

As análises, por sua vez, se concentram nos trechos que apresentam características atribuídas ao gênero feminino, por meio das quais é analisada a protagonista Enola Holmes. Também são analisados os trechos que apresentam comportamentos de Enola que envolvam sua mãe Eudoria Holmes e seus dois irmãos, Sherlock e Mycroft Holmes, pois esses três personagens têm relação direta na maneira como a garota se desenvolve na trama. Alguns momentos de comportamentos individuais da protagonista também são analisados, principalmente aqueles que indicam reflexão e sua emancipação.



Para Gil (2012) a pesquisa bibliográfica é feita com um material já elaborado, especialmente com livros e artigos. Embora quase todas as produções científicas exijam pesquisas dessa natureza, existem produções que são feitas exclusivamente com a pesquisa bibliográfica. Marconi e Lakatos (2008, p. 57) acrescentam que a finalidade deste tipo de pesquisa é “colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre o assunto”, logo, é uma ferramenta que permite chegar com facilidade à natureza do problema e entendê-lo melhor.

Ainda segundo Gil (2012), logo após o levantamento do material bibliográfico, o pesquisador se dedicará a sua leitura. O autor classifica cinco tipos de leituras, as que se foram feitas nessa pesquisa são: a leitura analítica e a leitura interpretativa.

Gil afirma (2012, p. 78) que a leitura analítica tem como intuito “ordenar e sumariar as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa”, as mesmas são feitas a partir de textos ou livros selecionados e exigem do pesquisador imparcialidade, de modo que o mesmo exerça sua criticidade sem acrescentar julgamento pessoal.

A leitura interpretativa, por sua vez, considerada a mais complexa pelo autor, uma vez que demanda tempo para o amadurecimento das ideias, terá como intuito

[...] conferir significado mais amplo aos resultados com a leitura analítica. Enquanto nesta última, por mais bem elaborada que seja, o pesquisador fixa-se nos dados, na leitura interpretativa, vai além deles, mediante sua ligação com outros conhecimentos já obtidos (GIL, 2012, p. 79).

Mais uma vez é possível observar que esse tipo de leitura também exige do pesquisador embasamento em teorias críticas já consolidadas, deixando-se de lado qualquer posição de ordem pessoal e subjetiva.

Durante o procedimento de análise da narrativa foram retomados os registros no diário de pesquisa – usado para organizar trechos delimitados. Posteriormente, os mesmos foram descritos e analisados.

## **5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO OBJETO DE PESQUISA**

A história da escritora Nancy Springer gira em torno da personagem Enola Holmes que, no dia do seu aniversário, descobre que sua mãe desapareceu e decide iniciar suas buscas para resolver o ocorrido. Orfã do pai e agora com o sumiço da mãe, Enola fica sob tutela de seus irmãos Mycroft e Sherlock Holmes. Os dois personagens masculinos também se empenham na procura pela mãe e a partir daí vê-se o desdobrar da trajetória da protagonista.

No início da narrativa, verifica-se o modo de construção do perfil da personagem através de características que lhes são atribuídas. No dia do seu décimo quarto aniversário, ao se dar conta que sua mãe sumiu, e intrigada com a situação, a menina decide começar a procurá-la nas mediações da propriedade onde mora, e faz isso sozinha. Enola mostra-se inquieta e curiosa com o acontecido: “eu não podia ficar dentro de casa; na realidade, mal conseguia ficar parada para calçar as galochas. [...] Tudo me interessava” (SPRINGER, 2020, p.10).

A jovem revela também que em sua criação sempre lhe foi estimulada a racionalidade: “Sabe, eu tinha lido os livros de lógica de meu pai, e Malthus, e Darwin; assim como meus pais, eu mantinha um ponto de vista racional e científico [...]” (SPRINGER, 2020, p. 17). É importante sinalizar aqui que a mãe de Enola, Eudoria Holmes, é a mulher que desempenha papel essencial na educação da menina, como se observa no seguinte trecho:

Embora meu talento como desenhista fosse limitado, minha mãe incentivava a pequena veia artística que havia dentro de mim. Ela sabia que eu gostava de desenhar, do mesmo modo que gostava de ler praticamente qualquer livro que me caísse nas mãos, não importava o tema – exceto criptografia, assunto que ela sabia de ser de grande interesse para mim (SPRINGER, 2020, p. 10).

Pelo fato de ter sido criada por sua mãe, longe do centro de Londres, recebendo uma educação totalmente diferente da que seria esperada para uma moça nascida durante o Período Vitoriano<sup>5</sup>, no qual os papéis de gênero eram rigorosamente definidos, os fragmentos acima revelam, portanto, uma personagem que não segue a lógica binária de gênero, problematizada por Judith Butler (2000) em sua teoria performativa de gênero. Ao exercer tarefas que, pela época, eram destinadas somente aos homens, Enola assume características que desestabilizam as formas tradicionais de representação da mulher.

Esse aspecto de não se enquadrar nos padrões femininos de sua época aparece mais claramente na personagem à medida que se passam os dias, segue-se o paradeiro de sua mãe e as ideias de Enola começam a se chocar com as ideias de seu irmão mais velho. Mycroft Holmes, assim como Sherlock, é a representação do patriarcado, pois sempre deixa claro que o “tipo” de mulher que considera decente e bem vista são aquelas “[...] com alguma elegância, algum refinamento [...]” (SPRINGER, 2020, p. 45), além de sempre reafirmar o poder que exerce sobre a vida da irmã: “[...] – Enola, perante a lei eu tenho controle completo sobre você e sua mãe. [...] Além disso, como irmão mais velho, eu tenho responsabilidade moral para com sua pessoa, [...]. Você **vai** fazer o que eu mandar” (IBIDEM, 2020, p. 45, grifo da autora). Enola também descobre que Mycroft tem o interesse de mandá-la para um internato e, imediatamente, ela se coloca contra a decisão do irmão: “— [...] não vou ser mandada para uma instituição que enverniza jovens damas” (SPRINGER, 2020, p. 45).

O discurso de Enola, além de demonstrar que a mesma não aceita com facilidade que outras pessoas tomem decisões sobre sua vida, revela também que a menina não se conforma dentro das “caixas” de gênero que limitam suas potencialidades e normatizam aquilo que pode e não pode fazer/o que pode ser e

---

<sup>5</sup> A história se passa no final do século XIX, em 1888, denominado pelos historiadores como Período Vitoriano, devido ao extenso reinado da Rainha Vitória na Inglaterra. De acordo com Santana e Senko (2016), marcada por uma série de transformações e contradições, a Era Vitoriana foi palco de grandes evoluções industriais, infestações de doenças e guerras entre os impérios da época. Foi também um período marcado pelo intenso controle exercido sobre o corpo feminino. Tendo sua atuação limitada apenas à família e aos espaços domésticos, as mulheres, desde muito cedo, eram tuteladas e fiscalizadas por figuras masculinas.

não pode ser. Esses papéis de gênero, reproduzidos e reiterados pelas estruturas de poder (que na narrativa são representadas pelos irmãos de Enola, seus familiares mais próximos) e tão contestados por Butler (2018) para que sejam pensados a partir da distinção, em nada contemplam as identidades plurais e multidimensionais do sujeito, sequer abrem “espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo” (p. 24). Pelo contrário, servem para reforçar as relações de poder entre os gêneros, trabalhando a favor da manutenção desse poder. É o que se observa em toda narrativa, os irmãos mais velhos de Enola seguem sendo seus maiores desafios para que ela viva fora desse “padrão de mulher” de sua época, a vontade dos dois é que ela apenas aceite submissamente os limites impostos.

De acordo com Zolin (2010), as representações femininas contemporâneas, especialmente aquelas de autoria feminina, têm se apresentado a partir de personagens que ou denunciam as “feridas causadas pelas práticas patriarcais” ou são construídas a partir de “identidades femininas configuradas, essencialmente, a partir de aspectos positivos, elevados” (p. 8). Xavier (2007) ainda completa que, nessas mesmas narrativas, as personagens, antes retratadas como mulheres conformadas com seu “destino”, agora são protagonistas femininas que “rompem com o sistema [patriarcal], através dos mais variados meios, inclusive da psicanálise” (p. 1, grifo nosso). Para a autora, trata-se de mulheres que, após longo processo de autoconhecimento e aprendizagens, reconduzem suas vidas conforme suas vontades.

Nesse sentido, na ficção de Nancy Springer, nota-se que a construção da protagonista está muito mais inclinada para um perfil que a caracteriza como uma mulher de personalidade forte, decidida e independente. É claro que em alguns momentos, principalmente aqueles que envolvem os dois irmãos mais velhos, vê-se também as denúncias contra a hegemonia patriarcal de que falou Zolin (2010), se for considerar a época em que a obra é ambientada. Contudo, é notório o destaque no amadurecimento dos ideais identitários da personagem ao longo de toda a narrativa, a menina redescobre valores e redireciona sua vida conforme sua autoconsciência, destacada por Xavier (2007), mediante as situações em que se encontra.

Esse aspecto da autoconsciência de Enola, gradativamente construída, fica ainda mais evidente quando ela segue fazendo suas próprias suposições e investigações acerca do desaparecimento de sua mãe: depois de achar e desvendar várias pistas deixadas por Eudoria, a menina avalia as motivações que a levaram ao sumiço repentino. Essa avaliação, no fim, desencadeia a reflexão de Enola acerca de sua condição feminina em uma sociedade patriarcal, notada no trecho a seguir:

É muito estranho pensar numa mãe como uma pessoa qualquer, não apenas uma mãe, por assim dizer. No entanto, foi o que aconteceu: ela tinha sido fraca, mas também forte. **Tinha se sentido tão presa quanto eu. Ela sentiu com a mesma intensidade a injustiça de sua situação. Tinha sido forçada a obedecer. Quis se rebelar assim como eu ansiava desesperadamente por me rebelar**, sem saber como poderia fazer isso (SPRINGER, 2020, p. 47, grifos nossos).

O fragmento acima destaca a compreensão de Enola sobre como Eudoria Holmes não apenas queria ser livre, como também desejava servir de inspiração para que ela buscasse sua própria liberdade. Nesse ponto, as primeiras reflexões de Enola acerca de sua identidade começam a despontar. Tomada pelo exemplo e tendo a seu favor todos os ensinamentos e o apoio financeiro deixado por sua mãe, a menina decide que suas buscas pela mulher desaparecida não devem se limitar apenas ao pequeno local onde mora, mas que precisa ampliá-las, o que a faz partir para Londres.

Na capital inglesa, Enola envolve-se no caso do sequestro do lorde Tewksbury, filho da importante família dos duques de Basilwether, e decide encontrar o rapaz sequestrado, a busca por sua mãe fica em segundo plano. Após ser confrontada por todas essas situações envolvendo os irmãos e a mãe, ter planejado cuidadosamente sua fuga sem deixar pistas para trás e precisar, constantemente, esconder sua verdadeira identidade para que não fosse encontrada, Enola Holmes decide, finalmente, qual será sua profissão na vida:

Investigador: alguém que investiga e encontra o que está perdido. [...] Saber o que está perdido, conhecer tudo sobre um objeto ou pessoa desaparecido, encontrar o que desapareceu: essa era a **minha** vocação. **Eu** era uma investigadora. Ou seria. [...]. A primeira investigadora profissional com uma abordagem lógica e científica (SPRINGER, 2020, p. 74, grifos da autora).

Sobre o trecho acima, pode-se dizer que a trajetória de Enola Holmes, marcada por amplos processos de mudança, autorreflexão, amadurecimento e novas formas de identificação com um mundo até então pouco conhecido, é exemplo de como a menina, gradativamente, chega ao entendimento de quem é. Sobre isso, Hall (2006) explica que as identidades modernas dos sujeitos, como resultado do intenso e dinâmico processo de identificação envolvendo os sistemas culturais, deixaram de ser compreendidas ou percebidas como estáveis. O autor afirma que devido a essa dinamicidade “a identidade torna-se uma “celebração **móvel**”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos [...] **interpelados** nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p. 13, grifos nossos). É o que acontece com Enola, o contato e o confronto com diversas situações tornam-se responsáveis pela partição de sua identidade. A jovem, ao decidir sua profissão, passa a exercê-la conforme vai se identificando com os contextos em que se encontra.

Na perigosa Londres de 1888, Enola acaba sendo sequestrada pelo mesmo grupo de criminosos que sequestrou o lorde Tewksbury. Amarrada e jogada no porão de um barco juntamente com o rapaz que tentava encontrar, a menina agora tem de se reinventar para conseguir escapar dos raptos. Depois de muito esforço, se desvencilha das cordas que a amarravam, assim como também liberta o jovem lorde das suas.

A trama se encaminha para o fim quando Enola e o jovem lorde estão na delegacia para denunciar seus sequestradores. A presença inesperada de Sherlock Holmes no lugar faz com que a menina precise se retirar rapidamente antes que seja

vista pelo mesmo. Nesse momento de fuga, ela faz mais uma reflexão que vale ser destacada: sua vontade é por uma aproximação maior com seu irmão, porém também compreende que a proximidade com Sherlock significaria pôr em risco a liberdade de sua mãe:

[...] lamentava não ter passado mais tempo com meu irmão Sherlock, mesmo que disfarçada. Para olhar para ele, ouvi-lo, admirá-lo. [...] mas meu famoso irmão detetive **não** se importava em encontrar mamãe. Que fosse para o inferno. Todos os meus sentimentos sobre ele bateram asas e se transformaram em mágoa. [...] Sherlock e Mycroft teriam gostado que mamãe voltasse a Ferndell Hall, mas obviamente ela não queria estar lá. Quando – não se, mas **quando** – eu a encontrasse, não pediria a ela nada que pudesse fazê-la infeliz. Eu não a estava procurando para tomar sua liberdade. Eu só queria ter uma mãe. Só isso (SPRINGER, 2020, p. 121, grifos da autora).

Trata-se de um trecho bastante elucidativo, pois a jovem não naturaliza as subordinações impostas por seus irmãos, pelo contrário, é ciente que os mesmos obrigariam sua mãe (assim como, obviamente, a obrigariam) a sujeitar-se às suas vontades, vivendo presa a ambientes privados e ao contexto familiar. Nesse sentido, Enola possui características que muito se diferem das encontradas em representações clássicas de narrativas juvenis que colocam a dependência e fragilidade feminina como características supervalorizadas, como aponta Neikirk (2009), nas quais a boa mulher é aquela que “geralmente aceita submissamente sua sorte na vida enquanto espera que o príncipe [**ou qualquer outra figura masculina**] apareça e assuma o controle de seu destino” (p. 38, tradução e grifo nossos). Contrariamente, a protagonista de Nancy Springer apresenta traços em sua personalidade que desestabilizam os papéis de gênero impostos pelos valores patriarcais, ela não se submete às opressões do sexo masculino, é uma mulher que quer ser sujeito de sua própria história e que abandona uma vida estável, porém sem a desejada liberdade, e parte em busca de uma vida livre, aberta a inúmeras possibilidades.

Após vivenciar essa sucessão de acontecimentos, mais uma vez, reflexões sobre aspectos que envolvem sua identidade acontecem quando a garota volta a ponderar sobre suas habilidades e talentos:

**Eu sabia coisas que Sherlock Holmes nem sequer imaginava. [...] Eu tinha me mostrado especialista em disfarce.** Eu conhecia os significados codificados de flores. **De fato, enquanto Sherlock Holmes classificava “o belo sexo” como irracional e insignificante, eu sabia de coisas que sua mente “lógica” jamais poderia compreender.** Eu conhecia um mundo inteiro de métodos de comunicação entre mulheres, códigos secretos de abas de chapéu e rebeliões, lenços e subterfúgios, leques de penas e desafios secretos, ceras de lacre e mensagens no posicionamento do selo postal, cartões de visita, e, além disso, havia uma rede de conspiração feminina na qual eu poderia me envolver. [...]. **Eu poderia ir a lugares e realizar coisas que Sherlock Holmes jamais poderia compreender ou imaginar, muito**



**menos executar. E era o que eu planejava fazer** (SPRINGER, 2020, p. 123 – 124, grifos nossos).

Não pertencer mais a lugar fixo algum, assim como viver em constantes disfarces, não abala nem um pouco a identidade da jovem, pelo contrário, ela tem consciência de que isso é fundamental para proteger sua liberdade e exercer sua profissão. Enola Holmes é uma personagem que está longe de ter uma identidade estável e tradicional, trata-se de uma protagonista que transita, como bem esclarece Hall (2006), “por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (p. 13) com as quais se identifica temporariamente. Ela é uma personagem que muito se aproxima do “sujeito pós-moderno” descrito por Stuart Hall, pois revela um perfil cuja identidade está em constante flutuação, sempre inconclusa.

A narrativa se encerra com Enola abrindo um escritório de investigação numa parte rica da cidade de Londres, onde, sob o disfarce de secretária, exerce sua tão desejada profissão de investigadora científica. Ela não encontrou sua mãe, mas um dia recebe uma mensagem criptografada da mesma indicando que ela está bem, feliz e o mais importante: exercendo sua liberdade.

Uma das concepções que Hall (2016) confere à representação é a de “produção de significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem” (p. 34). Também para o autor, esses mesmos significados não se limitam apenas ao nosso imaginário, eles “[...] organizam nossas práticas sociais e condutas: auxiliam no estabelecimento de normas e convenções segundo as quais a vida em sociedade é ordenada e administrada” (p. 22). Ao tomar a protagonista da obra *O caso do marquês desaparecido* (2020) como a “produção de significados” de que fala Hall (2016), há que se destacar a relevância da personagem feminina Enola Holmes que desconstrói a fragilidade e dependência historicamente associadas à mulher. Trazer à tona a representação de uma menina que ocupa lugar de maior destaque na narrativa, bem como lugares importantes na carreira profissional, apresentada como uma protagonista determinada, independente e gananciosa, é passo importante para a ruptura de representações estereotipadas das mulheres na literatura juvenil. Na ficção de Nancy Springer são as ações de Enola que ocupam lugar principal em toda história, elas são seus principais atributos, sua trajetória deixa claro que mulheres podem realizar coisas por conta própria.

Considerando o poder que sempre permeia o discurso das narrativas, este que tem a capacidade de regulamentar condutas e possui papel fundamental na construção das identidades, subjetividades e da realidade (ORLANDI, 1999), fica evidente como Enola é uma personagem importante para que meninas se reconheçam em seu perfil de protagonista construído a partir dos novos papéis que as mulheres têm ocupado no mundo pós-moderno.

Barth (2018) afirma que não cabe condenar as narrativas tradicionais que retratam mulheres com perfis estigmatizados (ou mesmo as contemporâneas que ainda o fazem), estas também servem para a reflexão e questionamento dos papéis de gênero a elas subjacente. Entretanto, histórias condizentes com as conquistas femininas das últimas décadas precisam sim estar em destaque e circular no meio juvenil, pois novas formas de organização da sociedade requerem novas formas de

representação na literatura, novas práticas discursivas que vão de encontro à disparidade de gênero.

Vale destacar que narrativas como a de Enola não apenas são indispensáveis para a construção das identidades femininas e reconhecimento de jovens meninas nas personagens, como são igualmente essenciais para o público juvenil de modo geral. Nesse sentido, Filho (2012) afirma ser fundamental que narrativas juvenis retratem questões sociais em seus enredos, pois ao colocar em evidência a pluralidade de discursos e abordar as narrativas a partir de diversas perspectivas, os enredos suscitam a reflexão do jovem leitor acerca de velhos paradigmas cristalizados no imaginário social.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou o perfil identitário da protagonista Enola Holmes na obra *O caso do marquês desaparecido* (2020), da escritora Nancy Springer. Refletiu-se sobre Gênero e Identidade, através dos conceitos de Judith Butler (2000; 2018) e de Stuart Hall (2006), o que foi essencial para a compreensão de como a personagem se percebe dentro das posições que ocupa e como ocorre a construção do seu perfil ao longo da narrativa.

Descreveu-se o perfil identitário da protagonista, o que esclareceu qual representação feminina é construída a partir da personagem: ao longo da história Enola Holmes demonstra ser curiosa, racional, decidida, corajosa e estrategista. Uma jovem que, ao invés de conformar-se com toda situação e com os rumos que sua vida tomaria depois do sumiço de sua mãe, se mostra empenhada em descobrir o que aconteceu.

Também se refletiu sobre a importância da obra para a representação feminina em narrativas juvenis, podendo considerar a ficção de Nancy Springer fundamental para a ruptura de representações estereotipadas da mulher na literatura juvenil, bem como essencial para a construção das identidades de meninas que podem se reconhecer na personalidade independente de Enola Holmes. A partir da análise da obra, tudo isso evidencia que foram alcançados os resultados esperados desse trabalho, pois a heroína, desde o início da narrativa, não realiza as expectativas dos personagens masculinos, tampouco aceita suas imposições.

Enola Holmes revela-se uma protagonista de caráter singular, pois sempre exerce posições de liderança e independência, apesar de em determinados momentos a jovem demonstrar vontade de recuar e ceder aos sentimentos de afeto que tem pelos irmãos, ela compreende que isso colocaria em risco sua tão sonhada liberdade.

Assim, *O caso do marques desaparecido* (2020) é uma obra contemporânea que, por meio da trajetória da personagem feminina, propõe um novo olhar acerca das representações da mulher. A representação de Enola Holmes é condizente com as possibilidades e identidades múltiplas exercidas pelas mulheres na contemporaneidade, pois a protagonista desafia e rompe com o estereótipo de mulher dependente, inocente e submissa, ousando viver e realizar coisas por conta própria.

A construção da personagem Enola Holmes, portanto, muito se difere da velha imagem estereotipada do feminino como um corpo inferior e subordinado, por muito tempo naturalizado na tradição literária. Nesse caso, é apresentada uma personagem que busca viver sem medo os seus sonhos, controlando o seu destino, não se submetendo às figuras masculinas, mas abrindo-se a um mundo de novas possibilidades.

Cabe salientar que neste artigo foi analisado o primeiro livro de uma saga que se estende em seis volumes e, por isso, a protagonista pode revelar diversos desdobramentos. Os aspectos aqui analisados também não encerram todas as discussões de gênero do livro, esta é uma obra que pode ter outros elementos analisados e abordados a partir de outras perspectivas teóricas, enriquecendo as discussões e provocando novas reflexões sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

BARTH, P. A. Entre Cinderelas e Belas Adormecidas: representações femininas na literatura juvenil contemporânea. **Entremeios: Revista de estudos do discurso**, v. 17, p. 289-299, jul./dez./2018.

BUTLER, J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-172, 2000.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CADERMATORI, L. **Para pensar literatura juvenil**. 2009. Disponível em <[https://grupoautentica.com.br/download/roteiros/roteiro\\_literatura\\_juvenil.pdf](https://grupoautentica.com.br/download/roteiros/roteiro_literatura_juvenil.pdf)>. Acesso: 19. abr. 2021.

FILHO, J. N. G. **Literatura Juvenil – adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos Ltda, formato: *eBook*, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. 5 reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

GILSA, T. V. Das páginas às telas: questões de gênero nas adaptações fílmicas de Jogos Vorazes. **Revista Vernáculo**, n. 44, p. 85-101, 2º sem/2019.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cultura e representação/** Stuart Hall. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Apicuri (PUC-Rio), 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NEIKIRK, A. '...Happily Ever After' (or What Fairytales Teach Girls about Being Women). **Hohonu [a Journal of Academic Writing]**, v. 7, 38-42, 2009.

ORLANDI, E, P. **Análise do Discurso**. Princípios e Procedimentos. Campinas [SP]: Pontes, 1999.

SANTANA, L. W. A.; SENKO, E. C. Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n. 10, p. 189-215, jun./2016.

SCHWANTS, C. Dilemas da representação feminina. **Revista OPSIS**, v. 6, p. 7-19, 2006.

SPRINGER, N. **Enola Holmes: o caso do marquês desaparecido**. Tradução de Livia Koepl. Formato: pdf. Rio de Janeiro [RJ] / Campinas [SP]: Verus Editora, 2020.

VASCONCELLOS, D. A.; LAGES, I. S. R. Bella swan e katniss everdeen: a representação feminina em sagas juvenis. In: XI Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades, 2015, Campina Grande [PB]. **Anais XI CONAGES**. Campina Grande [PB]: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10541>>. Acesso em: 01.mai.2021.

XAVIER, E. As múltiplas identidades do corpo liberado. In: XII Seminário Nacional e II Seminário Internacional Mulher e Literatura Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, 2007, Ilhéus [BA]. **Anais da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)**. Ilhéus [BA]: EDITUS, 2007. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/EI%C3%B3dia%20Xavier.pdf>>. Acesso em: 23.ago.2021.

ZOLIN, L. O. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. **Revista Letras**, Santa Maria [RS], v.20, n. 41, p. 183-195, jul./dez.2010.